

ARI CUNHA

Visto, Lido e Ouvido

Trabalho sério e persistente fecha acordo da dívida externa

Não é fácil para um País pobre, miserável, Terceiro Mundo, endividado, enfrentar a voracidade pantagruélica dos banqueiros do Primeiro Mundo. Ainda mais quando, em seguidas negociações, esse País se desmoraliza com promessas e cartas de intenções que sabidamente não seriam cumpridas.

Assim, viveu o Brasil durante muitos anos, de degrau em degrau, enfrentando uma desmoralização no mundo inteiro. Depois das cartas de intenções não cumpridas vieram, as moratórias humilhantes, por falta de alguém que acreditasse nas nossas condições de País em desenvolvimento.

*Era a arrogância do pobre usando o termo **soberania nacional** para não aceitar as condições impostas pelos credores.*

Onze meses atrás, começou uma árdua tarefa dos negociadores brasileiros, agora vendo a situação sob outro prisma, onde a soberania nacional deve existir, mas antes de tudo há que se reconhecer a condição de devedor relapso. No dia da assinatura do acordo, conversávamos por telefone em Nova Iorque com o chefe da equipe de negociação, Pedro Malan. Com a singularidade de quem exerce com afinco um trabalho bem desenvolvido, ele falava sempre que o Brasil apresentara condições para melhorar a nossa situação, sem nunca haver aceito uma situação que não poderíamos cumprir e honrá-la no futuro. Assim foi feito ao longo desses 11 meses, disse Malan, até que conseguimos encontrar um denominador comum e com isto termina o ciclo de calotes da América Latina. Ele estava satisfeito, mas pela modéstia, não exultava com os resultados do seu trabalho. O País, agora, é que vai ser grato pelo que ele fez em todas as negociações ao longo de todo este tempo.